

EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR, PROJETOS ESPORTIVOS E JOGOS ESCOLARES: CONSEQUÊNCIAS E POSSIBILIDADES¹

Ketly Magalhães Teixeira - Acadêmica de Educação Física da UFG - Jataí.
Letícia de Queiroz Rezende - Acadêmica de Educação Física da UFG - Jataí.
Luís César de Souza - Professor do Departamento de Educação Física da UFG - Jataí.

Resumo

Esse trabalho constitui numa proposta de pesquisa apresentada ao Programa de Bolsas de Licenciatura da Universidade Federal de Goiás e propõe investigar a relação que se estabelece entre os Jogos Escolares, particularmente os Jogos Estudantis do Estado de Goiás e as Olimpíadas Escolares do Ministério do Esporte; os projetos de fomento ao esporte, particularmente o Programa Segundo Tempo, do Governo Federal, e o Programa de Atividades Complementares da Secretaria Estadual de Educação; e a educação física enquanto componente curricular da educação básica. Nossa suspeita é que os projetos esportivos e os jogos escolares têm influenciado a educação física escolar no sentido de obstacularizar o desenvolvimento de uma prática pedagógica que se submeta aos princípios da inclusão escolar e, portanto, que trate dos conhecimentos da cultura corporal.

Palavras-chave: Educação Física; Jogos Escolares; Projetos Esportivos; Cultura Corporal.

Gostaríamos de iniciar a problematização da pesquisa pelas nossas suspeitas: os programas de fomento ao esporte na escola, como Programa Segundo Tempo, do Ministério do Esporte, e o Programa de Atividades Educacionais Complementares - PRAEC, da Secretaria Estadual de Educação de Goiás (Seduc); e também os Jogos Escolares, como as Olimpíadas Escolares, organizadas pelo Ministério do Esporte em colaboração com o Comitê Olímpico Brasileiro, e os Jogos Estudantis do Estado de Goiás, organizados pela Seduc, têm influenciado as aulas de educação física, enquanto componente curricular da educação básica, no sentido de dificultar a realização de práticas pedagógicas apoiadas nos imprescindíveis princípios da inclusão escolar. Dito de outra forma, suspeitamos que a expectativa gerada por professores, alunos e, quiçá, pela escola como um todo, em relação à sua participação exitosa em Jogos Escolares, no formato competitivo e seletivo em que os jogos têm se organizado, tem implicado na priorização do esporte como “o” único conhecimento válido e legítimo a ser trabalhado nas aulas de educação física, negligenciando, assim, outros elementos que compõem o campo de conhecimento que, nessa pesquisa, denominaremos de cultura corporal (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

Outros estudos, como os realizados por Kunz (1994) e Bracht (1992) confirmam que são necessárias mudanças da prática pedagógica que prioriza a esportivização e a técnica de aperfeiçoamento, valorizando excessivamente a descoberta de valores esportivos e deixando de lado, muitas vezes, a socialização, as características pessoais, a solidariedade por meio do lúdico e outros elementos que podem interferir positivamente no desenvolvimento social e comportamental dos alunos.

1 Este trabalho decorre do projeto de pesquisa “Educação Física, Projetos Esportivos e Jogos Escolares: aproximações, distanciamentos e desdobramentos”, inscrito no Programa Bolsas de Licenciaturas (PROLICEN) e cadastrado no Sistema de Acompanhamento de Pesquisa (SAP) da Universidade Federal de Goiás, sob a coordenação do professor Ms. Luís César de Souza.

Anais do VI Congresso Goiano de Ciências do Esporte, Goiânia 10 a 12 de Junho de 2009.

Na disciplina de Educação Física, enquanto componente curricular da educação básica, frequentemente são estabelecidos em seus planos de aula objetivos relacionados à aprendizagem de esporte de alto rendimento, buscando desenvolver habilidades técnicas e motoras e valências físicas para obtenção de resultados, para o exibicionismo e a espetacularização, acabando assim, este sendo mais valorizado do que a busca pelo conhecimento historicamente construído pela humanidade e pela experimentação de práticas relacionadas à cultura corporal.

Grosso modo, podemos contextualizar a história da educação física por meio de longos períodos em que sobressaiu a influência de uma ou outra instituição/fenômeno. Assim, a partir do século XIX a Educação Física brasileira sofreu influência dos médicos-higienistas, sendo solicitada a disciplinar e educar o corpo por meio de hábitos saudáveis de higiene. Na primeira metade do século XX, foi marcante a influência dos métodos ginásticos e da instituição militar, nesse período a educação física foi entendida como atividade exclusivamente prática, fato este que contribuiu para identificação com a instrução física militar. Na segunda metade do século XX, após a Segunda Guerra Mundial, ocorre uma significativa influência do esporte, que apresenta um grande desenvolvimento, decorrendo de influência da cultura européia como elemento predominantemente da prática da educação física. Como consequência dessa influência generalizada, o esporte ganha *status* de conteúdo exclusivo do ensino da Educação Física, visando os princípios de rendimento atlético/desportivo voltados para competições, comparação de rendimento e recordes, regulamentação rígida, sucesso no esporte como sinônimo de vitória e racionalização de meios e técnicas (COLETIVO DE AUTORES, 1992)

A título de ilustração, podemos mencionar que não raro observamos os meios de comunicação, e entre eles o altíssimo poder de persuasão da mídia, “cobrarem” dos professores de educação física escolar o desenvolvimento da base esportiva da nação, tendo como finalidade última a formação de atletas voltados para o alto rendimento. Diante disso, é possível verificar que, se por um lado, a mídia pode ser uma grande aliada do esporte, por outro lado, também pode desempenhar o papel de vilã, pois reduz a finalidade da educação física à formação de atletas de alto rendimento. No entanto, com base nos autores anteriormente mencionados, a educação física vai além de esporte de alto rendimento, nos proporcionando uma vida mais saudável, sociabilizada, prazerosa, alegre e principalmente um espírito de cooperação.

De uma perspectiva histórica, o final do século XX representa uma ressignificação da educação física enquanto área de conhecimento que, do ponto de vista da formação humana, deve tratar de conhecimentos mais abrangentes, como a cultura corporal, dentre os quais o esporte se apresenta como um dos possíveis conteúdos a serem explorados pela educação física enquanto componente curricular.

Nesse contexto, os debates, os conflitos, as divergências e as articulações que marcam esse período, influenciaram a atuação pedagógica dos professores de educação física na escola de várias maneiras. Desde a tentativa de romper com modelos e recomendações seletivistas, exclusivistas e que não percebem a necessária relação da educação física com as contradições da sociedade contemporânea, até a tentativa de relacioná-la aos aspectos sociais, econômicos e culturais da sociedade brasileira. Também tem influenciado o trabalho pedagógico de professores a instituição do decênio da educação, determinado com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) aprovada em 20 de dezembro de 1996, o qual estabeleceu como meta a elevação do nível de formação dos professores que atuam na educação básica, tendo como exigência mínima o ensino superior.

Se, por um lado, estamos partindo do pressuposto de que a educação física tem se modificado ao longo de sua história, e mais especificamente nas últimas duas ou três décadas de uma educação física seletiva e esportivista, por outro apresentamos a seguinte questão: se a

ação pedagógica dos professores de educação física encontra-se ainda em grande medida atreladas ao esportivismo, nos parece, e por isso nos propomos a investigar, que no âmbito da representação social dos professores tem predominado a necessidade de construção de práticas pedagógicas superadoras e, portanto, que percebem a educação física como componente curricular educacional que trata de conhecimentos da cultura corporal (como as danças, as lutas, as ginásticas, os jogos e, também, os esportes).

Com a questão acima suspeitamos que no plano da representação social, dos princípios, dos conceitos e das finalidades, a educação física avança, mas no plano efetivamente das práticas pedagógicas a educação física permanece atrelada a aspectos tradicionais, tecnicistas e esportivistas. Sendo assim, entendemos a necessidade de investigar quais elementos têm contribuído para que a prática dos professores de educação física permaneçam presas aos aspectos acima mencionados.

Um elemento que tem se apresentado de forma contraditória nesse processo são os Jogos Escolares, que reproduzem o formato das “Olimpíadas” e, portanto, se caracterizam pelo desenvolvimento de modalidades esportivas que, para que se obtenha êxito, necessitam de um trabalho de alto rendimento. De acordo com Bracht (1997) e Coletivo de Autores (1992), os Jogos escolares tiveram seu apogeu nas décadas de 1960 e 1970, quando houve o adensamento do esportivismo nas aulas de educação física, onde o esporte consegue se tornar conteúdo exclusivo nas aulas, visando as competições. A decorrência desse processo foi a intensificação da seleção de alunos com habilidades esportivas e, como consequência, a exclusão daqueles que não apresentassem as habilidades necessárias para participarem das competições. Diante dessa situação, nos parece que os jogos esportivos necessitam ser ressignificados na sua totalidade, isto é, entendemos a necessidade de submeter elaboração, organização e execução dos Jogos Escolares incondicionalmente aos princípios da inclusão escolar.

Outro problema que suspeitamos esteja ocorrendo, é o fato de que, professores, alunos e toda a equipe da escola que se propõe a participar dos jogos com êxito, isto é, buscando ser o melhor, direcionam as aulas de educação física para o desenvolvimento e aprimoramento das modalidades esportivas presentes nos jogos. Daí o problema: o treinamento de equipes para participar dos jogos acontecem exatamente no horário da aula de educação física enquanto disciplina curricular que deveria tratar de conhecimentos oriundos da cultura corporal. Por um lado, o preço a ser pago pela participação de um grupo de alunos nos jogos escolares é a exclusão de outro grupo de alunos nas aulas de educação física; por outro lado, a destinação das aulas para o treinamento de modalidades esportivas presentes nos jogos perpetua o paradigma da esportivização nas aulas de educação física e, conseqüentemente, retarda a superação de práticas esportivistas, seletivas e exclusivistas, amplamente questionadas nos últimos 20 ou 30 anos pelas tendências críticas da educação física.

Uma alternativa que algumas ações governamentais tem recorrido é facultar à escola e ao professor a elaboração de projetos esportivos a serem desenvolvidos no contraturno escolar. Com esses projetos, pretende-se dedicar um momento específico para o treinamento de modalidades esportivas, preferencialmente aquelas que compõem os Jogos Escolares. Ilustram iniciativas dessa natureza o Programa Segundo Tempo (PST) do ME e o Programa de Atividades Educacionais Complementares (PRAEC) da Seduc-Go.

O PST criado em 2003 pelo governo LULA, não deixa de ser continuidade do programa Esporte na Escola do governo de Fernando Henrique Cardoso, notadamente com algumas novidades. O programa tem a finalidade de oferecer aos alunos práticas esportivas individuais e coletivas, sem a finalidade de competição, visando apenas, a preocupação afetivo-social, proporcionando-lhes a oportunidade de participarem espontaneamente das

atividades oferecidas no contraturno como meio de minimizar problemas sociais, como por exemplo: retirar as crianças das ruas, evitando o envolvimento com as drogas e bandidagens.

O segundo programa, o PRAEC, surgiu um pouco antes do PST, em 1999, e pode ser caracterizado por uma sistematização das ações esportivas anteriores até então espontâneas e dispersas nas escolas públicas estaduais de Goiás. Este projeto, a exemplo do PST prevê o atendimento de crianças e adolescentes no contraturno escolar; porém, ao contrário, determina a necessidade desses alunos participarem dos Jogos Estudantis do Estado de Goiás. Esta poderia até ser uma solução aceitável que colaboraria para o esclarecimento da necessária distinção entre educação física enquanto componente curricular que deve se submeter aos princípios da inclusão escolar e o treinamento esportivo como atividade voltada para a representação da escola em eventos esportivos. No entanto, sob a princípio da dúvida podemos nos se o PRAEC também não cumpre o papel de legitimar os Jogos Escolares na sua formação esportivista e seletista, perpetuando a exclusão de alunos que não demonstram habilidades ou mesmo interesse pelas modalidades esportivas, mas que, muito provavelmente, dispõem de outras habilidades e outros interesses que deveriam ser oportunizados e estimulados em um evento estatal, portanto público, como os Jogos Escolares?

Por fim, como característica de todas as pesquisas que estão se iniciando, muito mais perguntas e suspeitas do que propriamente conclusões, as quais pretendemos ao longo da pesquisa aprofundar e averiguar se as suspeitas procedem ou não. Para tanto, propomos como tarefa realizar um levantamento bibliográfico com o intuito de promover uma boa fundamentação teórica sobre as leis da educação física escolar e esporte; averiguar se os Jogos Escolares e os projetos esportivos, como, Programa Segundo Tempo e o Programa de Atividades Educacionais Complementares permitem a inclusão e o envolvimento por parte de todos os alunos; e, também, procurar compreender em quais aspectos os Jogos Escolares e os projetos esportivos podem influenciar na disciplina de educação física.

Referências

AGRÍCOLA, N. P. A. *Jogos estudantis do Estado de Goiás: o proposto, o realizado e o vivenciado*. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás, 2005.

BETTI, M. *A janela de vidro: esporte, televisão e educação física*. Campinas: Papirus, 1998.

BRACHT, W. *Educação Física e aprendizagem social*. Porto Alegre: Magister, 1992.

_____. *Sociologia Crítica do Esporte: uma introdução*. Vitória: UFES, 1997.

BRASIL. Ministério do Esporte. *Programa Segundo Tempo*. Brasília: ME: SEE, 2003.

BRASIL. Ministério do Esporte. *Olimpíadas Escolares*. Brasília: ME: SEE, 2003.

CAPARROZ, F. E. *Entre a Educação Física na escola e a Educação Física da Escola*. Vitória: CEFD/UFES, 1997.

CASTELANI FILHO, L. *Educação física no Brasil: a história que não se conta*. Campinas: Papirus, 1988.

_____. *Política Educacional e Educação Física*. Campinas: Autores Associados, 1998.

Anais do VI Congresso Goiano de Ciências do Esporte, Goiânia 10 a 12 de Junho de 2009.

COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do ensino da educação física*. São Paulo: Cortez, 1992.

GRECO, P. J. & BENDA, R. N. *Iniciação esportiva universal 1: da aprendizagem motora ao treinamento técnico*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

_____. *Iniciação esportiva universal 2: metodologia da iniciação esportiva na escola e no clube*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

HILDEBRANDT, R. & LANGING, R. *Concepções abertas no ensino da educação física*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1986.

HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura*. São Paulo: Perspectiva S. A., 1980.

HOBSBAWM, E. J. *A era dos extremos: o breve século XX*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

GRUPO DE ESTUDOS SOBRE O ESPORTE ESCOLAR. *Relatório de atividades de 2000*. Juracy da Silva Guimarães (coordenador). Faculdade de Educação Física da UFG. Goiânia, 2001.

GUIMARÃES, Juracy da Silva. *O esporte na cultura escolar: com a palavra o professor de educação física*. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, 2002.

_____. Programa de atividades extracurriculares do Estado de Goiás e o ensino dos esportes no ambiente escolar. Extensão e Cultura/UFG. Goiânia, Ano III, n. 2, Fevereiro a Maio de 2002.

KUNZ, E. *Educação Física: ensino e mudanças*. Ijuí: UNIJUÍ, 1991.

_____. *Transformação didático-pedagógica do esporte*. Ijuí: UNIJUÍ, 1994.

MEDINA, J. P. S. *A educação física cuida do corpo... e “mente”*. Campinas: Papirus, 1983.

OLIVEIRA, M. A. T. Educação Física escolar: formação ou pseudoformação? In: *Educar em revista*, Curitiba, n. 16, p. 11-26, 2000.

PACHECO, E. D. (org.). *Televisão: criança, imaginário e educação*. Campinas – SP: Papirus, 1998.

PALAFOX, G. H. M. *Intervenção e conhecimento na educação física escolar: planejamento coletivo do trabalho pedagógico*. Núcleo de estudos em planejamento e metodologias do ensino da cultura corporal da Universidade Federal de Uberlândia / Secretaria Municipal de Educação de Uberlândia. Uberlândia, 2000.

SAVIANI, D. Sobre a natureza e especificidade da educação. In: _____. *Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações*. São Paulo: Cortez, 1991.

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO E CULTURA DE GOIÁS. *Programa curricular mínimo de educação física para o ensino fundamental: pré à 8ª série*. Goiânia: Secretaria de Estado de Educação e Cultura, 1995.

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO E CULTURA DE GOIÁS. *Programa de Atividades Educacionais Complementares*. Goiânia: Seduc, 2003.

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO E CULTURA DE GOIÁS. *Jogos Estudantis do Estado de Goiás*. Relatório Final. Goiânia: Seduc, 2008.

SOARES, C. L. *Educação Física: raízes européias e Brasil*. Campinas: Autores Associados, 1994.

Endereços:

Ketly Magalhães Teixeira: evil_ketly@hotmail.com / (64) 9658-6601 / 9204-6980

Letícia de Queiroz Rezende: ticiaqr@hotmail.com / (64) 8444-6967

Luís César de Souza: lucceso@hotmail.com / (64) 9963-7757.